



Death and the Meaning of Life in Logotherapy and in “The Death of Ivan Ilych”: Psychological Analysis of a Literary Work

Authors: Kalebe da Silva de Lima, Matheus Reichelt Flores, Rosângela Araújo Darwich
Submitted: 7. November 2023
Published: 18. December 2023
Volume: 10
Issue: 6
Affiliation: University of Amazon, Belém, Brazil
Languages: Portuguese
Keywords: Psychology, Literature, Interdisciplinarity, Logotherapy, Death
Categories: News and Views, Humanities, Social Sciences and Law
DOI: 10.17160/josha.10.6.946

Abstract:

This study aims to reflect on principles that connect psychology and literature as a way to relate to the themes of “death” and “meaning of life”. For this, we studied part of the vast theoretical framework produced by Viktor Frankl, founder of Logotherapy and Existential Analysis, and by some of his commentators, as well as by psychologists who report this approach to the literature. We analyzed the literary work “The Death of Ivan Ilych”, by Leo Tolstoy, from the perspective of Logotherapy, in order to investigate the relationship between death and the meaning of life. The book allowed us to illustrate the Franklian perspective, according to which the proximity of death can generate meaning for life, hastening the realization of the three categories of values (creative, experiential and attitudinal values). More precisely, we verified the opportunity for the realization of attitudinal values on the part of the protagonist of the novel, in the face of the inevitability of the sufferings he experiences.

JOSHA

josha.org

**Journal of Science,
Humanities and Arts**

JOSHA is a service that helps scholars, researchers, and students discover, use, and build upon a wide range of content



Morte e Sentido da Vida em Logoterapia e em “A Morte de Ivan Ilitch”: Análise Psicológica de uma Obra Literária - Death and the Meaning of Life in Logotherapy and in “The Death of Ivan Ilych”: Psychological Analysis of a Literary Work

Kalebe da Silva de Lima, Matheus Reichelt Flores, Rosângela Araújo Darwich
kalebelima010@gmail.com
University of Amazon, Belém, Brazil

Abstract

This study aims to reflect on principles that connect psychology and literature as a way to relate to the themes of “death” and “meaning of life”. For this, we studied part of the vast theoretical framework produced by Viktor Frankl, founder of Logotherapy and Existential Analysis, and by some of his commentators, as well as by psychologists who report this approach to the literature. We analyzed the literary work “The Death of Ivan Ilych”, by Leo Tolstoy, from the perspective of Logotherapy, in order to investigate the relationship between death and the meaning of life. The book allowed us to illustrate the Franklian perspective, according to which the proximity of death can generate meaning for life, hastening the realization of the three categories of values (creative, experiential and attitudinal values). More precisely, we verified the opportunity for the realization of attitudinal values on the part of the protagonist of the novel, in the face of the inevitability of the sufferings he experiences.



Resumo

Este estudo objetiva refletir sobre princípios que conectam psicologia e literatura como forma de relacionar os temas “morte” e “sentido da vida”. Para isso, estudamos parte do vasto arcabouço teórico produzido por Viktor Frankl, fundador da Logoterapia e Análise Existencial, e por alguns de seus comentadores, além de psicólogos que relacionam essa abordagem com a literatura. Analisamos a obra literária “A Morte de Ivan Ilitch”, de Leon Tolstói, sob a perspectiva da Logoterapia, a fim de investigar a relação entre morte e sentido da vida. O livro permitiu ilustrar a perspectiva frankliana, segundo a qual a proximidade da morte pode gerar sentido para a vida, apressando a realização das três categorias de valores (valores criadores, vivenciais e de atitude). Mais precisamente, verificamos a oportunização da realização de valores de atitude pelo personagem principal da novela, diante da inevitabilidade dos sofrimentos experienciados por ele.



Introdução

A importância de um sentido para a vida é bem notada pelo senso comum e por autores consagrados, como Nietzsche (1889/2017): “tendo seu ‘porquê?’ da vida, o indivíduo tolera quase todo ‘como’” (p. 10). Ciente desta importância, descoberta por meio de seus estudos e, especialmente, de sua vida, Viktor Frankl elaborou a Logoterapia e Análise Existencial, a terapia do sentido da vida, a fim de ajudar as pessoas a alcançar saúde psíquica a partir desse pilar existencial tão importante (Frankl, 1989/1990).

Objecções comuns levantadas contra a existência de um sentido para a vida apoiam-se em visões materialistas da realidade ou na finitude do existir humano (Frankl, 1946/2019). Frankl, como neuropsiquiatra, assumia que “de fato, o ser humano é um computador. Porém, ao mesmo tempo é infinitamente mais do que um computador” (Frankl, 1989/1990, p. 17).

Em relação a tais questões, Frankl (1946/2019) afirma que a estrutura de um sentido ultrapassa a coisa em si e os elementos que a constituem, sendo a existência humana é profundamente marcada por sua realidade autotranscendente. Se o ser humano é uma existência que transcende a matéria, então ele não se resume a uma série de processos bioquímicos. Do mesmo modo, ter consciência da morte é precisamente o que dá sentido a cada momento da vida, motivando o ser humano que a uma busca por realização que é limitada temporalmente.

Fundamentado na obra de Frankl, que parte da consciência da própria finitude como requisito para uma vida com sentido, este estudo trata da relação estreita entre uma vida com sentido e uma morte tranquila. Um exemplo de tal relação é retirado de uma obra literária, a novela “A Morte de Ivan Ilitch” (Tolstói, 1886/2018).

Ivan Ilitch sofreu muito devido a uma doença que o debilitou e causou sua morte. Diversas angústias físicas e existenciais foram experimentadas por ele durante o tempo em que esteve moribundo (Tolstói, 1886/2018). Porém, de acordo com a perspectiva frankliana, essa mesma enfermidade que tanto o maltratou foi ocasião para que ele finalmente realizasse algum valor que desse sentido à sua existência – o valor de atitude. Neste sentido, flagelo lhe possibilitou uma espécie de redenção pessoal depois de uma vida frívola.

Em linhas gerais, objetivamos refletir sobre princípios que conectam psicologia e literatura como forma de relacionar os temas “morte” e “sentido da vida”. Construimos, para tanto, um encontro entre Viktor Frankl, neuropsiquiatra austríaco (1905-1997) e Liev Tolstói, escritor russo (1828-1910).



Logoterapia e análise existencial

Logoterapia é a terapia do *logos*, que pode ser traduzido como espírito ou sentido. Assim, a Logoterapia é a “psicoterapia ‘a partir do espírito’” (Frankl, 1946/2019, p. 42) e uma psicoterapia do sentido da vida, pois busca “trazer o homem à consciência do seu ser-responsável. [...] Mas responsabilidade significa sempre responsabilidade perante um sentido” (p. 81).

A questão do sentido da vida é particularmente importante na obra frankliana pois é a partir do sentido da vida, o sentido da própria vida concreta, que o ser humano alcança a autotranscendência e, a partir dela, a autorrealização (Frankl, 2020). Há, no ser humano, “uma vontade de encontrar sentido no mundo objetivo, interpretando sua existência em um contexto de sentido” (Aquino, 2013, p. 53).

Wille zum Sinn (vontade de sentido) também pode ser traduzida como vontade de significado. O ser humano quer que sua vida signifique algo, quer que suas ações falem por algo maior que elas mesmas. Ele quer transcender-se. Isto é um desejo presente, ainda que de modo oculto, em todo ser humano: “a busca do indivíduo por um sentido é a motivação primária em sua vida” (Frankl, 2020, p. 124).

A não satisfação ou perda da vontade de sentido (vácuo existencial) abre espaço a neuroses noogênicas (do termo grego *noos*), que correspondem a neuroses “do espírito” ou da mente, sendo especificamente humanas. Os conflitos assim gerados não se devem a qualquer tipo de guerra entre impulsos internos, mas a problemas existenciais (Frankl, 2020). Uma neurose noogênica é um fenômeno em que muitos veriam nada mais que um distúrbio bioquímico ou um complexo de Édipo mal resolvido, mas em que Frankl vê o clamor do que há de propriamente humano, no ser humano, querendo se realizar. É a sede do ser humano por um significado objetivo da sua vida e, portanto, pode ser o ponto de partida para uma transformação positiva na vida (Frankl, 1946/2019).

A Logoterapia e Análise Existencial ficou conhecida como a terceira escola de psicologia vienense, pois sucedeu a psicanálise de Sigmund Freud e a psicologia individual de Alfred Adler. Enquanto a psicanálise enfatiza no ser humano o ser-consciente e a psicologia individual, o ser-responsável, a Logoterapia o compreende sob a perspectiva do dever-ser, das possibilidades que deve realizar respondendo às exigências que os valores objetivos fazem (Frankl, 1946/2019).

Há três categorias de valores: os valores criadores, os vivenciais e os de atitude, sendo a partir deles que o ser humano dá sentido ou significado à sua vida. Os valores criadores são relacionados ao trabalho, à execução de uma tarefa que foi



dada ao indivíduo pelas circunstâncias de vida em que se insere. É o cumprimento de algo que ele, como pessoa irrepitível, é chamado a fazer. Segundo Frankl (1946/2019, p. 112),

é indiferente o lugar em que um homem profissionalmente se situa ou o trabalho que faz [...] o que importa fundamentalmente é o modo como trabalha e, além disso, o preencher deveras o lugar em que, afinal, se acha inserido. O que tem importância não é, portanto, a grandeza do seu raio de ação, mas apenas o fato de se desempenhar no círculo das suas obrigações.

Portanto, não é o tamanho da influência que o trabalho e a realização de deveres pessoais exerce no mundo que dá sentido à existência de uma pessoa, mas o esforçar-se por cumprir bem tudo aquilo que é “chamada” pela vida a cumprir.

Por seu turno, os valores vivenciais não são realizados pela transformação que o ser humano opera no mundo, mas na sua abertura a ele, na entrega às diversas belezas nele existentes: amor, natureza, arte. Assim sendo, os valores vivenciais podem ser realizados “experimentando algo ou alguém” (Frankl, 1946/2021, p. 135). Embora os valores vivenciais não estejam relacionados diretamente a um dever específico, há ocasiões em que realizá-los pode ser uma espécie de imperativo.

Neste sentido, alguém que, encontrando-se sentado num ônibus e, ao presenciar um pôr do sol soberbo ou ao notar o aroma de acácias em flor, em vez de se entregar a esta possível vivência da natureza, continua a ler seu jornal, de certo modo poderia ser classificado, nesse momento, como “esquecido do seu dever” (Frankl, 1946/2019, p. 115).

Por fim, há os valores de atitude. Estes são valores que o ser humano pode realizar diante de uma situação irremediável de sofrimento, miséria ou doença, assumindo uma postura de enfrentamento serena, de superação interior, dando sentido ao que está vivenciando. Segundo Frankl (1946/2019), os valores de atitude podem ser realizados apenas “quando algo de inelutável, qualquer coisa de fatal se tem que aceitar precisamente tal qual é. No modo como cada um assume estas coisas, verifica-se uma série incalculável de possibilidades de valor” (p. 192).

A possibilidade de realização de sentido mesmo em condições adversas, quando irremediáveis, demonstra como a proposta frankliana considera que todos os seres humanos são capazes de viver uma vida com sentido, uma vida que valha a pena. Para Frankl (1946/2019), “falta de êxito não significa falta de sentido” (p. 193), em contraposição aos pensamentos comuns de nossos dias, que costumam



considerar essas duas realidades como sinônimas. Fica o alerta acerca da grande diferença que há entre essas duas circunstâncias e de como ignorar tal diferença pode tornar-se catastrófico para a vida de uma pessoa.

É fundamental compreender, acerca dos valores de atitude, uma condição específica que precisa estar presente para que eles sejam realizados: a irremediabilidade do mal de que se padece. Só há sentido em aceitar um sofrimento inevitável. Segundo Frankl (1946/2019), “o pressuposto da verdadeira realização dos valores de atitude consiste em se tratar realmente de qualquer coisa de irremediável” (p. 199). E, por outro lado, “sofrer desnecessariamente é ser masoquista, e não heroico” (Frankl, 1946/2021, p. 138).

Essas observações também previnem o conformismo que poderia existir diante de uma situação adversa. Uma vida sofrida também tem sentido, mas somente se o sofrimento for inevitável. Uma pessoa com recursos econômicos escassos, por exemplo, deve buscar a ascensão social, se esta estiver ao seu alcance, para melhorar suas condições de vida; porém, se esta for impossível de ser obtida, a vida dessa pessoa não necessariamente perderá seu sentido.

A morte é utilizada como argumento por aqueles que negam a existência de um sentido para a vida. Porém, justamente a consciência desse evento da existência humana pode encher de sentido a vida. Isto ocorre de duas maneiras. A primeira é que, ao perceber a finitude da vida, o ser humano pode apressar-se para realizar o sentido que a própria vida o chama a realizar.

Se fôssemos imortais, poderíamos, com razão, adiar cada uma das nossas ações até o infinito. [...]. Em compensação, tendo em vista a morte como fronteira infranqueável do nosso futuro e limite das nossas possibilidades, vemo-nos obrigados a aproveitar o tempo de vida de que dispomos e a não deixar passar em vão as ocasiões irrepetíveis que se nos oferecem, ocasiões essas cuja soma “finita” representa precisamente a vida toda (Frankl, 1946/2019, p. 145).

Dessa forma, a consciência da morte pode motivar o ser humano a realizar os valores criadores e vivenciais, aproveitando ao máximo as oportunidades que a vida lhe dá para fazê-lo, pois tem consciência de que essas oportunidades são finitas.

Além disso, a proximidade da morte também constitui ocasião para a realização de valores de atitude. Afinal, a morte iminente, em muitos casos, é um mal irremediável do tipo necessário para que se realize um valor de atitude. “[...] pode uma doença e



a proximidade da morte fazer brotar do fundo de um homem as últimas reservas, depois de ter passado a vida numa ‘frivolidade metafísica’, sem prestar atenção às próprias possibilidades” (Frankl, 1946/2019, p. 202).

Veremos, a seguir, que Ivan Ilitch, carecendo da consciência da morte que apressa a realização dos valores durante a vida, percebeu, ao se confrontar com sua iminência, em seus últimos instantes, que todo aquele sofrimento fazia sentido.

Literatura e psicologia

O psiquiatra suíço Carl Gustav Jung afirma, no seu ensaio “Psychology and Literature”, que a psicologia e a literatura são filhas de uma mesma mãe, porque “a mente humana é o útero de todas as ciências e artes” (1930/2014, p. 84). Assim como Jung, muitos outros estudiosos que buscaram compreender a *psique* também perceberam essa relação intrínseca existente entre a literatura e a psicologia. Essa relação se deve ao fato de que a arte literária busca articular todos os atos humanos em um compêndio multifacetado da realidade, tendo, como sua matéria primordial, a mesma matéria de grande parcela da psicologia: a mente humana.

A literatura é vista como uma ferramenta análoga à ciência psicológica, pois há na arte literária um caráter universal, que diz respeito a todos os seres humanos, de todos os povos, épocas, lugares, raças e crenças. Essa linguagem é intimamente psicológica.

Afinal, toda literatura considerada universal é, fundamentalmente, uma literatura histórica e socialmente datada. Sófocles, Dante, Cervantes Cavafy, Faulkner, Kazantzakis, Shakespeare e Dostoiévski foram homens de seu tempo e de seu grupo; todavia, nesse tempo e nesse grupo descobriram e revelaram dramas permanentes do nosso espírito e de nossa carne (Leite, 1967/2002, p. 31).

A literatura corresponde a uma forma muito precisa de rastrear e alcançar os dramas humanos. Sigmund Freud recorreu diversas vezes às obras de Dostoiévski para montar o seu arcabouço psicanalítico. Vemos isso de forma explícita no seu artigo “Dostoiévski e o parricídio” (Freud, 1928/1961). Também não é por acaso que Viktor Frankl escolheu uma linguagem literária, narrativa e biográfica para a gênese e síntese da sua psicologia (Frankl, 1946/2021).

O mesmo acontece com a filosofia, e os exemplos são inumeráveis. Sem as tragédias de Sófocles e Ésquilo não haveria o projeto socrático. Sem a Comédia



Humana, de Balzac, não haveria uma visão estruturada do capitalismo por Marx. Sem as Confissões, de Santo Agostinho, não teríamos a psicologia moderna.

Podemos considerar a literatura como uma ferramenta indispensável a todos aqueles que almejam conhecer aquilo que é o ser humano, e aquilo que está para além do ser humano. Assim como a psicologia, ela abarca o ser como um todo, em todas as suas dimensões. Em sua perspectiva própria, sem compromisso com a realidade, a literatura fornece as possibilidades máximas e mínimas do ser, havendo nela o arcabouço poético que reinventa aspectos ocultos do cotidiano. Na arte literária não há somente aquilo pelo qual todo ser humano já passou, mas há tudo aquilo que ele ainda vai passar, ou ainda aquilo que todo ser humano reconhece ser passível de passar. Podemos afirmar que a estrutura da literatura é semelhante à estrutura da vida e, por isso, compreender a literatura é um esforço parecido ao de compreender a própria narrativa humana.

“A Morte de Ivan Ilitch”

Existem diversas interpretações psicológicas de obras literárias, especialmente baseadas nas visões da psicanálise, da psicologia analítica e da Gestalt (Leite, 1967/2002). Sob a visão da Logoterapia e Análise Existencial, as interpretações são menos frequentes, mas partimos dela para fazermos nossa análise de “A Morte de Ivan Ilitch” (Tolstói, 1886/2018).

Segundo Lewis (2014), ao buscarmos a manifestação dos principais aspectos da Logoterapia e Análise Existencial nos personagens de uma obra literária, devemos procurar por sinais da perda de sentido (vácuo existencial) e de neuroses noogênicas, assim como da vontade de sentido e sua satisfação, por meio das três categorias de valores. Além disso, devemos explorar os conceitos de liberdade e responsabilidade, e o diálogo que a obra pode realizar com o leitor.

O livro de Tolstói (1886/2018) tem início com os colegas de Ivan, personagem principal, lendo um jornal que noticiava sua morte e se surpreendendo. Não tarda, porém, para que eles comecem a pensar sobre os cargos em que cada um e seus amigos seriam alocados com a mudança de cenário provocada pela morte do colega.

Neste início já é notável que, embora Tolstói (1886/2018) diga que “Ivan Ilitch era colega dos cavalheiros ali presentes e muito estimado por todos” (p. 11), aqueles homens, na verdade, não eram seus amigos, pois, tão logo ele morreu, começaram a tentar averiguar de que modo seria útil aquela morte. Além disso, dificilmente um amigo que acompanhava de perto uma enfermidade tão grave quanto a dele se



surpreenderia com o fato de ele ter morrido, mas “como assim?” foi a primeira reação de um deles. A pressa e a falta de jeito de Piotr Ivánovitch, colega de trabalho de Ivan, ao visitar a casa do morto no velório, ilustram o fato de aqueles homens estarem mais preocupados com os olhares que a sociedade teria sobre eles naquele momento do que com a morte do colega. Na mente de Piotr não se passavam lamentações, mas pensamentos sobre o que seria mais apropriado socialmente fazer naquela ocasião

Tolstói (1886/2018) descreve a vida de Ivan como “das mais simples, das mais vulgares e, contudo, das mais terríveis” (p. 20). Não era uma vida de pobreza extrema ou de constantes abusos (embora seja dito que sua mulher o perturbava com suas reclamações e outras atitudes semelhantes). Tolstói caracteriza a vida de Ivan não como terrível, mas como “das mais terríveis”, o que remete à ausência de sentido. Ele não procurou viver abraçando valores, pois suas preocupações estavam direcionadas a viver uma vida “conveniente – agradável e digna” (p. 28). O que ele compreendia por dignidade está distante dos valores descritos por Frankl (1946/2019) e mais próximos de “levar-se uma vida que, pela correção, a sociedade aprove” (p. 27).

Na perspectiva de Sadigh (2014), o erro de Ivan foi encarar, como missão da sua vida, a tarefa de torná-la agradável aos sentidos, um meio para alcançar a felicidade – o que paradoxalmente gera frustração e vazio existencial. E foi justamente essa postura que fez, da vida de um juiz bem-sucedido, uma das mais terríveis.

Já nos dois primeiros capítulos do livro de Tolstói (1886/2018) percebemos algumas oportunidades perdidas por Ivan de realizar valores e dar sentido à sua existência. Seu casamento foi uma oportunidade que a vida lhe deu, mas que ele negligenciou, para realizar valores vivenciais, aqueles que, segundo Frankl (1946/2019), também se tornam uma espécie de dever quando surge uma oportunidade de realizá-los. Fugir desses deveres em nome do trabalho ou da comodidade seria uma forma de se contrapor à vontade de sentido.

A esposa e os filhos de Ivan poderiam ser objeto do seu amor. Ele poderia ao menos tentar entendê-los e sanar suas queixas, fazendo pequenos sacrifícios em sua rotina para lhes dar a atenção e o afeto que mereciam. Mas, como a relação familiar atrapalhava seu plano de viver uma vida confortável, “todo o interesse da sua existência se concentrou no mundo judiciário, e esse interesse o absorvia” (Tolstói, 1886/2018, p. 28). Ivan evitava estar em casa e, quando estava, cercava-se de pessoas estranhas. Assim, a fuga dessa espécie de missão que a vida lhe



apresentava, de amar sua família e de fazê-la feliz, tornou-se uma das suas metas de vida e Ivan se tornou um pai e marido distante.

Outra maneira de encontrar sentido na vida, como vimos, é pelo trabalho, realizando valores criadores. Ivan foi alguém que teve esta oportunidade: Ihe foi confiado o cargo de juiz, que pode ser aproveitado de forma nobre, em nome da justiça. Porém, o que mais Ihe interessava era contemplar as próprias habilidades na corte e seu poder, influência e sucesso entre superiores e subalternos (Tolstói, 1886/2018).

O personagem pode ser colocado como antítese daquelas pessoas que dão sentido à própria vida por meio de valores criadores, muitas vezes apesar da humildade de suas ocupações e da baixa influência de seu trabalho. O emprego de Ivan, um cargo importante e, até hoje, almejado por muitos, não garantiu que sua vida tivesse sentido porque sua intenção não estava nos valores que poderia realizar, não estava no objeto de suas ações, mas em si mesmo. Ele não queria gerar justiça, fazer o bem por meio de sua prática profissional, mas os louros, a fama que acompanha o exercício dela, tornando-a simples instrumento para satisfazer egoisticamente a sua vaidade.

O foco muito grande na autorrealização esvazia uma vida. A realização pessoal não deve ser buscada em si mesma, mas ser o fruto, a consequência da autotranscendência. “O verdadeiro sentido da vida deve ser descoberto no mundo, e não dentro da *psique* humana, como se fosse um sistema fechado. [...] Em outras palavras, a autorrealização só é possível como um efeito colateral da autotranscendência” (Frankl, 2020, p. 135).

A enfermidade foi a última oportunidade que Ivan teve de dar sentido à sua vida, realizando um valor de atitude. Aqui encontra-se o clímax da obra, ponto no qual conseguimos notar, também, traços de neurose noogênica e de manifestações da vontade de sentido, além de, finalmente, a realização de um valor. De início, porém, Ivan não abraça seu sofrimento e não vê sentido nele. “Mas para quê tanto sofrimento?” (Tolstói, 1886/2018, p. 66), ele se pergunta.

Como dissemos acima, a consciência da morte apressa a realização dos valores e a satisfação da vontade de sentido (Frankl, 1946/2019). Porém, essa consciência de finitude pode ser terrivelmente incômoda, especialmente para aqueles que se acostumaram a reprimir sua vontade de sentido com diversas distrações. O sofrimento é muito ambíguo diante da experiência humana porque ao mesmo tempo que ele é uma possibilidade de elevação do indivíduo, ele também é uma possibilidade de degeneração. No entanto, a vontade de sentido atua e, diante da



possibilidade de a vida se findar sem ter tido sentido, ela perturba o sujeito, tentando obrigá-lo a encarar seu destino com profundidade.

Isto pode ser visto em Ivan Ilitch: “a ideia voltava” (Tolstói, 1886/2018, p. 50). Esta ideia era a da real possibilidade de morrer e ele a reprimia de diversas maneiras, reorganizando salas, incomodando-se com o trato dado a objetos da casa por sua família, com atitudes que se assemelham a sintomas do que hoje se chama transtorno obsessivo-compulsivo. Sadigh (2014) aproxima-se de perspectivas centrais da ciência psicológica ao pontuar que sintomas como os de Ivan podem ser fruto de algum conflito mais profundo e que, em situação de psicoterapia, não devem gerar a simples aplicação de técnicas que os sanem rapidamente, mas buscar sua origem mais interna. Parece claro que, se Ivan conseguisse confrontar, verdadeiramente, a possibilidade da sua morte (“aquilo”, como a chamava), seus sintomas ansiosos desapareceriam, pois era a evitação a fonte deles, como Tolstói (1886/2018) deixa claro.

Além da dificuldade em encarar a morte, Ivan encontra dificuldade em encarar sua vida. Os fatos que destacamos na vida do personagem como oportunidades negligenciadas de realização de sentido parecem ter sido apenas lentamente percebidos por ele. De início, houve frases como “talvez eu não tenha vivido como deveria” (Tolstói, 1886/2018, p. 65) ou “talvez houvesse uma explicação, se se pudesse admitir que não vivi como deveria” (p. 68). No entanto, ele sempre negava essa possibilidade: “mas de que sorte, se eu sempre procedi como era preciso?” (p. 65). Ou ainda: “mas é absolutamente inadmissível” (p. 68). Essas convicções ainda o impediam de dar sentido ao sofrimento pelo qual estava passando, pois a explicação que ele precisava alcançar era de que sua existência tinha sido mal aproveitada e aquela era sua última chance de reparar seus atos.

A doença de Ivan foi a ocasião que ele precisava para forçar-se a encarar o sentido da sua existência e descobrir que a maior parte dela, salvo a infância, segundo ele próprio, havia sido desperdiçada. Foi a ocasião em que, livre de distrações, poderia encarar de frente sua vida e sua morte, reconhecendo suas culpas e reparando-as. O modo como adoeceu e morreu fez sentido, portanto, porque o modo como viveu não fez – e isto precisava de redenção e foi descoberto por ele.

Sentiu que sua agonia era devido à penetração no saco negro e ainda mais pelo fato de não poder escorregar logo para dentro dele. E o que o impedia era a convicção de que sua existência tinha sido boa. E tal justificativa o retinha, impedia de ir para frente e o torturava mais que tudo (Tolstói, 1886/2018, p. 71).



Então, depois de seu filho agarrar sua mão no leito de morte, “Ivan Ilitch caía no fundo do saco, divisava a luz e percebia que sua vida não fora o que deveria ter sido, mas poderia ser reparada” (Tolstói, 1886/2018, p. 71). E a reparação foi amar, nos seus últimos instantes, sua mulher e seu filho, e entregar-se, finalmente, à morte. Esta entrega o realizou de tal modo que pôde exclamar em alta voz: “que alegria!” (p. 73).

Pode ser paradoxal o fato de o personagem só se sentir realmente bem depois de constatar um fato doloroso, ou seja, que sua vida não tinha sido bem vivida. Mais interessante ainda é o fato de esta ideia, apesar de dolorosa, não parar de vir à sua mente durante seu tormento. Parece haver aí uma das mais claras manifestações da vontade de sentido, algo maior e mais profundo que a simples vontade de prazer, pois ela enfrenta até o sofrimento para ser realizada e esta realização coexiste com ele ao fim de tudo. E ela se deu, em Ivan, por meio de dois aspectos: arrependimento e aceitação do sofrimento.

O arrependimento, segundo Frankl (1946/2019), pode constituir uma realização de sentido: “o arrependimento do culpado é como se o fizesse ressuscitar, libertado de sua culpa” (p. 195). O moribundo já não poderia mudar seu passado. Porém, pelo arrependimento, pôde redimir-se, ao menos interiormente, ressuscitando.

O segundo aspecto, a aceitação do sofrimento, também pode ser compreendida à luz de Frankl (1946/2019): “se sofremos por causa de uma coisa, é precisamente porque não queremos sofrer por causa dela [...]. Se uma coisa nos faz sofrer é porque interiormente lhe voltamos as costas” (p. 194). Ivan parou de sofrer porque encarou de frente sua enfermidade e sua morte, aceitando-as: “ah! Ei-la! E daí? É deixá-la doer” (Tolstói, 1886/2018, p. 73).

Ivan, então, morreu realizado.

Considerações finais

A morte faz parte da vida. Sem a consciência de que ela chegará, não é possível viver uma vida com sentido e, sem sentido durante a vida, a morte se torna um peso. Ao contrário, para aqueles que realizam valores, dando sentido à própria vida, a morte não se torna assustadora. “A certeza da morte só representa um horror para aqueles a quem pesa a consciência da vida” (Frankl, 1946/2019, p. 218).

É muito clara a mudança de perspectiva de Ivan Ilitch em relação à morte ao longo da história narrada por Tolstói (2018). Ela mudou de algo cujo nome era, para ele, impronunciável, para algo aceitável, diante do qual pôde, inclusive, se alegrar. A



permissão que ele deu a si para encarar a morte de frente, tomando consciência de sua realidade concreta na existência dele foi o que lhe permitiu olhar para o seu passado com criticidade. E foi este olhar crítico que permitiu que se arrependesse e se esforçasse, em seus últimos instantes, para reparar seus erros, agindo amavelmente com seus entes queridos e encarando a morte de “cabeça erguida”. De acordo com Frankl (1946/2019), essa atitude corresponde a atingir “uma grandeza interior que, retrospectivamente, confere a toda a vida passada – não obstante a sua aparente inutilidade – uma plenitude de sentido” (p. 193).

Com o suporte teórico da obra de Viktor Frankl, com a ilustração da obra de Tolstói e com o auxílio de comentadores de ambos os autores, refletimos acerca de a consciência da morte ser um fator que auxilia o ser humano na sua busca de sentido por meio da realização das três categorias de valores e, se bem vivida, especialmente dos valores de atitude, necessários diante de sofrimentos inevitáveis.

Além disso, este estudo realiza o objetivo proposto, tornando claras relações estabelecidas entre morte e sentido da vida e entre literatura e psicologia, valorizando a comparação entre obras de ambas as áreas do conhecimento.



References

1. Aquino, T. A. A. (2013). *Logoterapia e análise existencial: uma introdução ao pensamento de Viktor Frankl*. São Paulo: Paulus.
2. Frankl, V. (1990). *Psicoterapia para todos: uma psicoterapia coletiva para contrapor-se à neurose coletiva*. Petrópolis, RJ: Vozes. (Trabalho original publicado em 1989).
3. Frankl, V. *Psicoterapia e sentido da vida: fundamentos de logoterapia e análise existencial* (7a ed). São Paulo: Quadrante, 2019. (Trabalho original publicado em 1946).
4. Frankl, V. *Em busca de sentido: um psicólogo no campo de concentração* (51a ed.). São Leopoldo: Sinodal, Petrópolis: Vozes, 2020. (Trabalho original publicado em 1946)
5. Freud, S. (1961). Dostoevsky and parricide. In *The Standard Edition of the Complete Psychological Works of Sigmund Freud* (J. Strachey, trad., Vol. XXI, pp. 173-194). London: The Hogarth Press and the Institute of Psycho-Analysis (Trabalho original publicado em 1928).
6. Jung, C. G. (2014). Psychology and Literature. In *Collected Works of C. G. Jung* (G. Adler & R. F. C. Hull, trad., Vol. 15, pp. 84-105). Princeton: Princeton University Press. (Trabalho original publicado em 1930).
7. Leite, D. M. (2002). *Psicologia e literatura* (5a ed.). São Paulo: Unesp. (Trabalho original publicado em 1967)
8. Lewis, M. H. (2014). Logotherapy and existential hermeneutics. *The International Forum For Logotherapy*, 37, 76-81.
9. Nietzsche, F. (2017). *Crepúsculo dos Ídolos ou Como se filosofa com o martelo* (1a ed.). São Paulo: Companhia de Bolso. (Trabalho original publicado em 1889).
10. Tolstói, L. (2018) A morte de Ivan Ilitch. In *A morte de Ivan Ilitch & Senhores e Servos* (M. Rebelo, trad., pp. 12-73). Rio de Janeiro: Nova Fronteira. (Trabalho original publicado em 1886)
11. Sadigh, M. (2014). *Existential Journey: Viktor Frankl & Leon Tolstoy on Suffering, Death, and the Search for Meaning*. Lima, Ohio: Wyndham Hall Press.



About the Author

Kalebe da Silva de Lima is a Psychology student at the University of Amazon (UNAMA). He has experience in Applied Behavior Analysis (ABA) and is a member of the academic research group dedicated to the study of the interaction between music and behaviour at EMUFPA. Additionally, he is part of the research group "Tradition and Natural Law" at the Institute of Legal Sciences at UFPA. Kalebe's interests span humanistic and interdisciplinary studies, encompassing areas such as psychology, music, literature, art, history, philosophy, and other scientific disciplines.

Matheus Reichelt Flores is a Psychology student at the University of Amazon (UNAMA) with experience in psychological counseling. He holds certification in Applied Behavior Analysis (ABA) from the Neuro Institute and has a keen interest in interdisciplinary studies that encompass psychology, philosophy, literature, and other human sciences.

Rosângela Araújo Darwich is a Psychologist (CRP-10/725) and a psychotherapist. She serves as a permanent professor in the Postgraduate Program in Communication, Languages and Culture (PPGCLC) and the Psychology course at the University of Amazon (UNAMA). She holds a PhD in Psychology: Behavior Theory and Research from the Federal University of Pará (PPGTPC/UFPA) and specializes in Cognitive-Behavioral Therapy (CENSUPEG). Rosângela completed a post-doctoral internship at the Protestant University of Applied Sciences in Freiburg, Germany. She is a leader of the research group "Poetry in Everyday Life: Experiential Groups and Resilience" and one of the leaders of the Amazonian Text Interfaces Research Group (GITA). Additionally, she is a member of several research groups, including "Narrative and Media Events: methodological challenges for the apprehension of Amazonian glocal experiences" (PPGCLC/UNAMA, PPGCOM/UFT, and PPGCOM/UFMG), which was contemplated by Notice 21/2018 (PROCAD-Amazônia/CAPES). Rosângela also contributes to the Center for Cultural Diversity and Socio-environmental Sustainability in the Paraense Amazon (Graduate Development Program - PDPG/CAPES - Legal Amazon, PPGCLC-UNAMA/PPGC-UNAMA) and the group for Literature, Translation, and Image Studies (PPGL/UFPA).